

Coimbra

E s p e c i a l



A «AEMINIUM» do século XXI

À beira de um novo milénio, a secular cidade de Coimbra espera um maior desenvolvimento, que terá sempre de respeitar o rico património arquitectónico e humano, ou não fosse Coimbra a urbe da cultura e do saber.

Cidade ímpar pelas suas riquezas patrimoniais e culturais, Coimbra espera o novo milénio com naturais ambições, que terão sempre de respeitar a sua secular história. Desde os tempos romanos - Coimbra era então Aeminium - que a cidade detém uma relevante importância geográfica. Situada no Centro de Portugal, Coimbra não pode nunca ser esquecida dos grandes projectos de desenvolvimento do país, sob pena da vasta Região Centro perder a sua identidade que, naturalmente, encontra na «capital» Coimbra o seu expoente máximo.

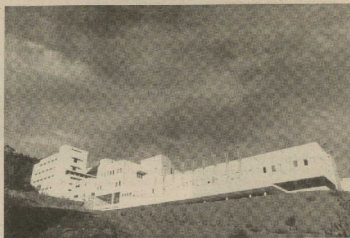
Urbe da cultura e do saber, Coimbra, ao longo da nossa História, sempre assumiu papel de relevo, e não raras vezes essas históricas páginas foram escritas dentro das muralhas da cidade. Ainda bem antes da fundação da Universidade, por El-Rei D. Dinis em 1290, já a cidade era o principal pólo de ensino do país, com as principais ciências e disciplinas de então a serem ministradas no Mosteiro de Santa Cruz, fundado pelo primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques. Aliás, é precisamente

neste local que se encontra o túmulo do fundador da pátria lusa, mesmo junto de seu filho D. Sancho I, que lhe sucederia no trono do Reino de Portugal.

Construir o futuro olhando o passado

O património artístico da cidade é dos mais ricos, mas também o humano tem tido, ao longo dos séculos, uma importância crucial para o país. Aqui se tomaram profundas resoluções de Estado e contra o Estado, se arquitetaram revoluções políticas e artísticas, aqui os poetas deram largas à sua veia. Aqui se viveu (e vive) de uma forma ímpar. É nesta singularidade arquitectónica e humana que Coimbra tem de preparar o futuro.

A urbe cresceu imenso. Não mais Coimbra é apenas uma das mais famosas cidades universitárias do mundo, mas também um centro importante de negócios e, sobretudo, de serviços. As transformações que a aguarda prevê para os próximos anos re-



Está a nascer uma nova cidade

rio, obviamente, de olhar para o futuro, sem nunca esquecer e respeitar o rico passado.

A edificação de um Palácio de Congressos no Convento de S. Francisco, o nascimento de uma nova ligação entre as duas margens do Rio Mondego (Ponte Europa) e, finalmente, o sempre adiado, «casamento» entre a cidade e o seu romântico rio surgem, portanto, como obras fundamentais para o início deste novo milénio.

Virar o Rio para a cidade

O Parque Verde do Mondego e a construção de um recinto para espetáculos ao ar livre - no até agora muito degradado Choupalinho, que se vai estrear em Maio, ao receber a maior festa de estudantes a Europa, a Queima as Fitas -, podem e devem tornar-se em novos pólos de desenvolvimento cultural, dando aos cidadãos o prazer do lazer junto do «seu» Mondego. As características «sui generis» do rio devem também contribuir para o crescimento de actividades desportivas e de recreio. Verdadeira «auto estrada» para os desportos náuticos (ou para a pesca desportiva), o Rio Mondego pode, facilmente, transformar a urbe na capital destas modalidades desportivas, criando novas atrações para os residentes e um apelo intransponível para os visitantes.

Também o surgimento na margem direita de uma nova e moderna cidade universitária - o Pólo 2 da Universidade - vai, com toda a certeza, mudar muitos dos hábitos dos coimbrenses, que têm andado de costas voltadas para o rio.

Com a participação da cidade na organização do Campeonato Europeu de Futebol de 2004, surgem novas e aliciantes perspectivas de desenvolvimento. A opção encontrada foi a renovação do actual Estádio Municipal, uma estrutura com mais

de 50 anos e que, curiosamente, nunca foi inaugurada, encravada numa das zonas de maior crescimento residencial, o Callabé. O projecto da autoria do arquitecto António José Monteiro tem sido criticado por alguns sectores, que preferiam ver edificado um estádio novo, fora do centro urbano.

Mas mais do que embarcar em polémicas efémeras, importa não perder as grandes oportunidades que este grande evento desportivo podem proporcionar a Coimbra e à sua região. O tão desejado metrô de superfície (que vai substituir a decrepita linha férrea do ramal da Louisa) e a melhoria substancial dos acessos rodoviários podem, finalmente, encontrar o caminho certo para a sua conclusão.

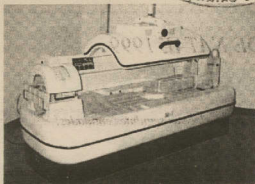
Construir o novo, preservar o antigo

Mas os desafios futuros não podem ficar por aqui. Verdadeiro «cristal» histórico da cidade, a Alta está doente. Não basta o verdadeiro atentado cometido pela Diadema que, nos anos 40, amputou o património cidadão, ao destruir parte da Alta, este típico bairro de estudantes e tricanas está muito degradado. O velho desejo de candidatar a Alta de Coimbra a Património da Humanidade parece ter poucas hipóteses de sucesso, face ao estado lamentável em que se encontra a maior parte dos edifícios. Deve residir aqui, portanto, uma das principais preocupações dos responsáveis vindouros.

As ancestrais ruínas e becos, o casario, as ainda resistentes «tabernas» onde fruticas e estudantes conviviam e as singulares «repulicas» de estudantes bem merecem outra atenção. Como dizia o poeta, um «poeta sem cultura, é como uma árvore sem raízes». E importa que a «árvore» cresça, se desenvolva, honrando uma tradição milenar desta «mui-nobres» Lusa-Atenas.

CIOGA BEM ESTAR Enfermagem, Lda

SEDE: Ciooga do Campo - 3020 S. João do Campo



- Temos ao seu dispor aparelhos de magnetoterapia com fôto platina destinado à prevenção e recuperação de doenças;

- *Por isso cuide do:* - Aparelho Circulatorio, Sistema Nervoso (depressão, instabilidade emocional, paralisia e paraplegia), - Aparelho Respiratório, (Asma, Bronquite), - Fractura dos ossos, - Queimaduras, - Úlcera Varicosa, - Recuperação pós-operatória.

Faça a sua marcação através do tel.: 239961590
ou visite em Ciooga do Campo
a 7Km de Coimbra.

Ficha Técnica

Para a elaboração deste suplemento, foram utilizados como bibliografia vários números da revista Munda, do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, e a obra: Coimbra Arte e História, do Prof. Pedro Dias.

Os textos são de AMÉRICO MASCARENHAS e as fotografias de PAULO ABRANTES.

SÉ VELHA - A poesia em pedra

Em pleno coração da Coimbra medieval ergue-se aquele que é o mais relevante templo românico do país. Verdadeiro «ex-libris» de Coimbra, é também a «mãe» de todas as igrejas da diocese e centro de «uma certa» Coimbra, que teima em afirmar a sua diferença.

Rica em igrejas, Coimbra tem em pleno coração da Alta, o mais belo e majestoso templo românico do país - a Sé Velha. Fruto da vontade do primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, em agradecer a dívida divina que permitiu vencer batalhas e fundar o Reino de Portugal, a Sé Velha é a mais importante igreja da diocese de Coimbra. Aliás, as vitórias de «O Conquistador» nos campos de batalha contribuíram com relevância para a construção deste belíssimo exemplo de arquitectura românica.

Os prisioneiros mouros constituíram uma preciosa (e barata) mão de obra para a sua edificação. A presença do Bispo D. Miguel Paes Salomão (1158-1176) na Mitra de Coimbra ajudou as pretensões do monarca. Homem abastado, o Bispo parilhava com D. Afonso Henrique o desejo de erguer, em Coimbra, um templo digno das glórias do novo reino.

D. Afonso Henriques e D. Miguel Paes Salomão juntaram esforços de toda a ordem para pôr de pé o magnífico templo. Homem abastado, o Bispo prontificou-se para custear a vinda a Coimbra do arquitecto Roberto, que vivia em Lisboa. D. Miguel Paes contou então em mão o acompanhamento das obras, que seriam dirigidas nos primeiros dez anos por Bernard e concluídas por mestre Soeiro.

A 9 de Dezembro de 1185, o Bispo de Coimbra, D. Martim Gonçalves, sagrou o filho de D. Afonso Henriques, D. Sancho, e esposa, como Rei de Portugal, já no interior do novo templo, que não deveria estar então ainda totalmente acabado. A sua singular forma arquitectónica, com a inclusão de ameias, à semelhança dos castelos, é sintomática da época que se vivia, em que se temia o poder belico dos mouros.

De entre os muitos pedrados que passam pela catedral, um merece atenção especial: D. Jorge de Almeida (1483-1543). Com um longo pontificado, o eclesiástico dotou o monumento de obras flamengas, de que destacamos a estupefante Porta Especiosa (na fachada) e a Pia baptismal em estilo manuelino.

No labirinto medieval

Localizada no coração da Coimbra medieval, no cruzamento das duas principais ruas da cidade amuralhada, a Catedral sempre foi um ponto de referência da urbe das ruas, escadas e «escalinhos», becos sinuosos e casario apertado, com as janelas a «beijarem-se», num cenário familiar, quase íntimo. Um verdadeiro labirinto, recheado de memórias de pregões, rias, boémia estudantil, amores furtivos e platónicos, embaldos no seu chão das guitarras e canto

dos trovadores. Um poema vivo, que se identifica claramente com a ideia de «uma certa» Coimbra de séculos, em que a história da cidade se interliga permanentemente com a sua Universidade.

Hoje, como ontem, a Sé Velha identifica o mais tradicional, e antigo, bairro de Coimbra. No entanto, esta zona típica da cidade está necessitar de urgente atenção por parte das entidades responsáveis. A maior parte dos edifícios está em situação degradada e, qual sinal dos tempos actuais, o Largo da Sé Velha é diariamente invadido por uma «multidão» de automóveis, que, quase por milagre, estacionam num local, que

nunca foi dimensionado para estes tempos modernos.

«Latos» e «jardins suspensos»

O surgimento de bares e outros locais de diversão nocturna nas redondezas saídas-se pela animação e «movidas» que transmitem aos muitos jovens estudantes que os frequentam, mas também trazem novos problemas. Os clientes trazem os carros e o praça medieval fica lotada de «carruças». É urgente acabar com a «invasão das latas», talvez apenas permitindo o acesso aos residentes-automobilistas. O próprio mo-

numento, cuja preservação é da responsabilidade dos IPPAR, mostra claros sinais de condensado desprezo. Mesmo por cima da porta principal - em cuja escadaria decoram as tradicionais serenatas monumentais - as ervas crescem em abundância, quasi «jardins suspensos», capazes de coar de vergonha os amantes do património. Uma situação que já dura há alguns anos, tendo sido denunciada por várias entidades, entre as quais a ADAC (Associação de Defesa da Alta de Coimbra). Todavia, a situação mantém-se para espanto dos coimbricenses e dos milhares de turistas, que todos os anos visitam a Catedral.

Fundação Bissaya Barreto

INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA IN «DIÁRIO DA REPÚBLICA» III SÉRIE 26-111-58



BAZAR DE NATAL 1999

A Fundação Bissaya Barreto agradece às seguintes entidades:

A. M. Química * Abel Santiago * Abiscola * Adega Cooperativa de Cantanhede * Alcides Figueiredo - Sapataria * António Firmino Baptista, Lda * Artiflor * Assembleia Figueirense * Bai Velho * Bazar das Novidades * Body Shop * Brito's * Casa Coelho * Casa dos Enxovais * Casa Guimarães * Central * Central de Cervejas * Coimbra Editora, Lda * Conceição Pais * Cravo e Serrano - Soure * Dicoop * Estrela Verde * Fátima Pires * Festiflor * Florista Lídia * Focus * Foto Hilda * Go Up * Gracindo * Grande Hotel do Luso * Guess * Guilherme Gonçalves e Filho, Lda * Habitus * Imago * J. Dias Barbosa, Lda * Jorge Mendes * Jornal de Coimbra * Litocar - Eiras * Loja das Meias * Lusodidáctica * Makro * Manuela Bento * Minerva * O Canal - Levis * Osvaldo Toste * Ourivesaria Altyarte * Ourivesaria Costa * Ourivesaria Góis * Papelaria Cristal * Perfumaria Mars * Pré Natal * Recheio * Santix * Saül Morgado * Scottwool * Spal * Tipografia Macasi * Transparente * Unitefi * Vale di Taro * Vidreira do Mondego * Wall Street Institute

Congressos em local histórico

Embora o edifício actual tenha sido começado a construir no século XVII, o Convento de S. Francisco data do século XIII. Foi, realmente, em 1248 que se iniciaram as primeiras obras para a instalação dos frades franciscanos. O Convento ficava então localizado mais abaixo, mais próximo do rio,

não muito longe do local onde se encontra o Convento de Santa Clara-a-Velha, que está a sofrer lúvievos e relevantes obras de restauro arqueológico.

Com o assoreamento progressivo, o Convento ficou inabitável, mudando-se no século XVII para um local próximo, fora do

alcance das grandes cheias do Rio Mondego. Esta mudança trouxe também nova vida a esta zona, autónoma da cidade, mas a ela ligada por uma ponte que existia, pelo menos, desde 1131. Santa Clara tomou-se então um local apelativo, pois ali também existia uma hospedaria e D. Isabel de Aragão

(Rainha Santa) construiu ali mesmo um Palácio, onde iria residir durante vários anos. Em Santa Clara viviam agricultores, artesãos (ligados à cerâmica) e, claro, os religiosos.

Zona monumental

Hoje, o Convento de S. Francisco está integrado numa zona monumental, de grande potencial turístico. Mesmo ao lado situa-se o famoso Portugal dos Pequenitos (propriedade da Fundação Bissaya Barreto) e que é um dos locais mais visitados em Portugal, atraindo a Coimbra tantos visitantes como a secular Universidade. Não muito longe ergue-se o Convento de Santa Clara-a-Velha e, mais acima, a Igreja de Santa Clara-a-Nova, que encerra os restos mortais da Rainha Santa, padroeira de Coimbra, e que atrai milhares de peregrinos, sobretudo durante os festejos em sua honra, que têm lugar todos os anos pares. Ligada ainda ao Convento está a bela Capela da Nossa Senhora da Conceição.

Louvavelmente, a zona encontra-se razoavelmente preservada, sem edifícios recentes, o que em muito pode beneficiar o enquadramento do futuro Centro de Congressos de Coimbra. Ainda nesta zona, destaca-se a existência do Estádio Universitário e da mítica Quinta das Lágrimas (onde recentemente surgiu um hotel de grande qualidade e onde vai ser edificado um complexo residencial de luxo). Foi aqui na famosa Fonte dos Amores que D. Pedro I terá torcido de amores pela aia de sua esposa, D. Inês de Castro, acabando por escrever um capítulo único da História da Humanidade, ao coroar a sua amante como rainha, após a sua morte.

A obra dos franciscanos

Se o Convento de S. Francisco é importante para Coimbra pelo que representa em termos de Arte, não é o menos pelo que encerra de História. Os franciscanos instalaram-se na cidade a partir do século XIII, tendo um papel de grande relevo quer na assistência aos mais necessitados, como também no incremento dos estudos. Eles são dos principais responsáveis pelo facto do Papa ter autorizado o funcionamento de uma Universidade em Coimbra, que seria a primeira de Portugal e uma das primeiras da Europa.

Muitos franciscanos cursavam então Teologia, Cânones e Leis na Universidade de Coimbra, mas muitos dos seus mestres eram eles próprios frades franciscanos. O Convento de S. Francisco foi um verdadeiro viveiro de intelectuais, de pregadores que contribuíram de forma relevante para a grandeza da nossa cultura. Nas celas, claustros e igreja "escravaram" muitos dos missionários que espalharam pela África, Américas e Oriente a língua e cultura portuguesas e a fé católica. Factos que tornam o Convento de S. Francisco num verdadeiro marco da história cultural lus.

"Construção civil tem mais encanto com a MATOBRA"



matobra
materiais de construção e
decoração, s.a.

...onde escolhe quem sabe!

ABERTA TAMBÉM AOS SÁBADOS DURANTE TODO O DIA
VARIANTES DA MATOBRA - ADÉMIA - 3021-901 COIMBRA

TELEFS. 239 432 020 (8 linhas) TELEFAX 239 431 555

E-mail: matobra@mail.telepac.pt

SOCIEDADE DE MEDIAÇÃO IMOBILIÁRIA, LDA.

2393 AMI

- GUARDA: Rua Duque de Visou, Lote 4 - R/C Dto. • 6300 GUARDA • Tel.: 271220040 • Fax: 271212345
- COIMBRA: Galerias Pérola, Loja 2 - Vale das Flores (junto à Makro) • 3030 COIMBRA • Tel.: 239792600 • Fax: 239401807
- VISEU: Rua 21 de Agosto, C.C. Happy Dream, Lj. 27 • 3500 VISEU • Tel.: 232426373 • Fax: 232431830



Convento, fábrica têxtil
e... Centro de Congressos

No século XIX, o monumento transformou-se numa renomada fábrica de têxtil. Essa indústria vivia então em desafogo e a Fábrica de Tecidos de Santa Clara era das mais conceituadas da Europa, rivalizando com as de Inglaterra e Escócia.

Contudo, a crise também chegou a este sector industrial e a fábrica acabou por fechar nos anos 70. O edifício entrou então em lastimável agonia. Há poucos anos tentou-se recuperar o magnífico espaço, com parte dele ainda ocupado pela maquinaria industrial, promovendo aí vários eventos de índole cultural, como concertos e representações teatrais. Contudo, era eviden-

te que o imóvel estava em flagrante degradação, com a cobertura e a enorme chaminé de tijolo da fábrica a ameaçar ruir.

Surgiu então a intenção da autarquia em recuperar o histórico edifício, edificando um Centro de Congressos, até porque Coimbra, uma cidade virada para os serviços, cultura e saber não dispunha desta indispensável infraestrutura. A ideia foi lançada e aprova-

da. A primeira fase da obra, já em execução, prevê a construção de uma nova cobertura, a que se seguirá a construção de estruturas modernas, próprias do fim a que se destinam, sem, contudo, desvirtuar o traçado do magnífico monumento. A obra está orçada em cerca de 200 mil contos e deve constituir uma das primeiras grandes novidades urbanas desta Coimbra do século XXI.



Fucoli - Somepal

FUNDAÇÃO DE FERRO, S.A.

SEDE: Apartado 467 - Coselhas
3001-906 Coimbra Portugal
Telef. 239490100 - Fax 239490198/490199
Fucoli@mail.telepac.pt

FILIAL: Apartado 4 - Rua de Aveiro, 50
3050-903 Pampilhosa Portugal
Telef. 231949261 - Fax 231949292
Somepal@mail.telepac.pt



MARCO DE INCÊNDIO

Estanquicidade absoluta
Fabrico segundo projecto de norma
Aprovado e ensaiado por diversos organismos oficiais
Sistema de protecção contra roturas

VÁLVULA DE CUNHA ELÁSTICA

Fabrico segundo normas europeias
Protecção anti corrosiva
Pintura em resina epóxica
Cunha sobremoldada em EPDM

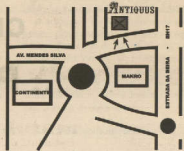


TAMPAS DE SANEAMENTO

(Seg. NORMA NP EN 124)
Redondas com Xadrez à face
Quadradas com Xadrez à face
Rectangulares com Xadrez à face
Rebaixadas

ANTIQUUS

Móveis Rústicos



Rua Luís A Duarte Santos, 28 - Loja 4 (junto à Makro) - Tel./Fax 239701205 - 3030 Coimbra

SOCIEDADE DE MEDIAÇÃO IMOBILIÁRIA, LDA.

2393 AMI

- **GUARDA:** Rua Duque de Viseu, Lote 4 - R/C Dto. • 6300 GUARDA • Tel.: 271220040 • Fax: 271212345

- **COIMBRA:** Galerias Pérola, Loja 2 - Vale das Flores (junto à Makro) • 3030 COIMBRA • Tel.: 239792600 • Fax: 239401807

- **VISEU:** Rua 21 de Agosto, C.C. Happy Dream, Lj. 27 • 3500 VISEU • Tel.: 232426373 • Fax: 232431830



SANTA CRUZ - Uma jóia no centro da cidade

Para muitos, o Mosteiro de Santa Cruz é o mais relevante dos monumentos de Coimbra. Criado por D. Afonso Henriques, ele próprio fundador da pátria lusa, está localizado na zona nobre da cidade, como que afirmando a sua magistralidade e importância. Um templo incontornável para quem quer conhecer a urbe do Mondego e a sua história.

A importância do Mosteiro de Santa Cruz ultrapassa claramente as fronteiras de Coimbra, já que a sua importância histórica se confunde com o nascimento de Portugal. A sua construção iniciou-se a 28 de Julho de 1131, no local onde então existiam os Banhos Régios, e representa a primeira grande afirmação de poder do primeiro Rei de Portugal, D. Afonso Henriques. Aquando da sua construção ficava fora das muralhas da cidade e bem perto da linha de fronteira (Rio Mondego) que separava as terras lusas dos poderosos Mouros, a quem El-Rei iria conquistar vilas e cidades, alargando o território do reino.

HISTÓRIA DE PORTUGAL - SÉCULO XVIII - RECONSTRUÇÃO DE SI

Tudo indica que o projecto e a direcção das obras estivessem a cargo do arquitecto Roberto, que planeou um templo de nave única, mas extraordinariamente forte, com três capelas de cada lado. Durante várias épocas, o aspecto das diversas sucessividades da Igreja foi sendo alterado sucessivamente. Relevante foram as transformações operadas no priorado de D. Pedro Gavião, durante o reinado de D. Manuel I, que visitou o Mosteiro em 1507. O monarca decidiu, então, remodelar o templo e as dependências conventuais. As obras fora de tal grandeza, que só iriam terminar no reinado de D. João III. Mas as benfeitorias nunca pararam m. S. Cruz, prolongando-se pelos séculos XVII e XVIII.

Fachada data do séc. XVI

A fachada que hoje conhecemos foi edificada no século XVI, entre 1507 e 1513, e segue as linhas medievais. Também nesse século foi concebido o portal por Diogo de Castilho, com esculturas do francês Nicolau Chantierene. Da autoria de João de Ruão são as três famosas esculturas da Virgem, do Profeta e do Rei David. Já no século XIX, por obra de José Couto, surgiu um arco triunfal, a antecessor

da frontaria. Apesar de só ter uma nave, o interior da Igreja é espaçoso. A decoração, renascentista, é da autoria de mestre João de Ruão. A Capela Mor foi construída entre 1507 e 1513.

Um dos mais belos elementos da nave é o bellissimo conjunto de azulejos, laranças e monocromos, em azul, fabricados em Lisboa no século XVIII. O pilótipo é justamente considerado como a mais relevante obra escultórica do Renascimento português. Embora apresente uma estrutura gótica, os seus elementos são claramente renascentistas. Esta verdadeira «jóia da coroa» foi executada por Nicolau Chantierene. Outra peça de rara beleza é o órgão seccentiano, que data do início do século XVIII e é obra do espanhol Benito Gomes Herrera.

O repouso dos reis

A Capela Mor é coberta por uma abóbada da mesma época da nave, com um magestoso altar barroco, de madeira, imitando mármore. Aqui se situam os túmulos dos reis, D. Afonso Henriques e seu filho D. Sancho I. São considerados como dois dos mais belos túmulos existentes em Portugal. A sua construção deve-se à iniciativa

de D. Manuel I, que não achou conveniente que os restos mortais dos dois primeiros reis de Portugal estivessem sepultados na parte baixa a Igreja. A obra deve-se a Diogo de Castilho e a Nicolau Chantierene as esculturas que ornamentam os túmulos.

O belo Claustro do Silêncio foi edificado entre 1517 e 1522 sobre as ruínas de um anterior, tendo sido mestre de obras o arquitecto Marcos Pires. O claustro é em forma quadrangular, com cinco capelas em cada lado. Também aqui surgem esculturas de Nicolau Chantierene. Parte importante do Mosteiro de S. Cruz é a Sala do Capitular, cuja construção data do início do século XVI.

Tomar café no séc. XVI

Santa Cruz encerra ainda outras preciosidades artísticas, que merecem uma visita cuidadosa. Também muito interessante é a Igreja de S. João de Santa Cruz, hoje transformada em café. Construído em 1530 este espaço é um verdadeiro tesouro, que podem partilhar os frequentadores do popular Café de S. Cruz. Um singular ambiente para um estabelecimento hoteleiro, que deita maravilhosos os muitos turistas que o frequentam.

Nas trasas do Mosteiro situa-se o Jardim da Manga, actualmente a receber obras de restauro. É uma bela e rara construção renascentista. Outra situava-se no centro de um dos três claustros do Mosteiro. Também o refectório de S. Cruz foi recentemente transformado em galeria de arte, constituindo um novo e muito rico espaço para a cultura.

XEROX

criámos as soluções...

... Para entrar no ano 2000.

XENAX a XEROX na região centro

Coimbra - Telef. 239827047 - Fax 239834555
Aveiro - Telef. 234420632 - Fax 234421144

À volta dos ARCOS, o prazer do "verde"

Cidade-monumento, Coimbra é também, e sobretudo, um local agradável, onde apetece passear, desfrutando do verde que invade espaços e mentes. A zona da Praça da República/Arcos do Jardim é rica em espaços verdejantes. Ali se situam o Jardim da Sereia, o Jardim Botânico, a Casa-Museu Bisaya Barreto e o Penedo da Saudade. É este passeio que nos propomos fazer.

Os jardins sempre foram um dos grandes atractivos de Coimbra. Cidade de musas e poetas, a natureza surge aqui em todo o seu esplendor capaz de inspirar a veia poética de centenas de gerações de jovens românticos. A zona do Aqueduto de S. Sebastião, vulgo Arcos do Jardim, há séculos que alberga belos e frondosos jardins e parques.

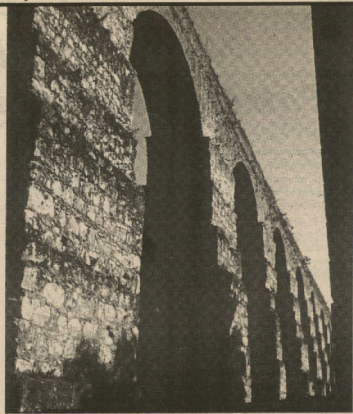
Se iniciarmos o nosso pequeno roteiro na cosmopolita Praça da República, ali mesmo encontramos «A Sereia», ou Quinta de Santa Cruz, por ter feito parte do Mosteiro do mesmo nome. Ajudada e dotada de vistosos tanques e fontes no séc.XVIII, por iniciativa do Prior Gaspar da Encarnação, é

hoje um dos mais belos «pulmões» da urbe. A entrada principal, em plena Praça da República, leva-nos de imediato ao recinto do Jogo da Pela, que termina numa vendejante cascata, construída com matéria calcária trazida de grutas dos arredores de Coimbra. O cenário é completado com painéis de azulejos alusivos à Fé, Esperança e Caridade.

Neptuno vira Sereia

Este magnífico espaço tem vindo progressivamente a ser utilizado para espectáculos musicais e outros, como feira de artesanato e mostra de folclore. Ainda no ano que agora finda, o Festival José Afonso provou as boas condições físicas e acústicas do local.

Subindo por detrás deste «palco» natural, entramos na «mata». O odor verde e perfumado do ambiente invade-nos. Junto do parque infantil descobre-se um largo lago em redondel, com um invulgar repuxo. Mesmo ali perto situa-se o velho Campo de Santa Cruz, onde a Académica escreveu algumas das suas maiores páginas de glória. Num sítio bem mais recatado e longínquo-mora uma fonte de água cristalina, onde os amantes se habituarão a beber. É Neptuno que jorra o precioso



Arcos do Jardim

líquido. Mas o povo entende que a esttua era de... uma sereia. Daí o popular nome do Parque de Santa Cruz.

As setas de S. Sebastião

Aproveite-se à saída junto da tal «sereia» e estamos quase nos Arcos de Jardim, uma verdadeira referência da urbe. Mesmo à nossa frente deparamo-nos com uma grande (e polémica) estátua do Papa, abrindo os braços para um dos mais belos jardins de Portugal, o Jardim Botânico.

O Aqueduto de S. Sebastião data do final do séc. XVI, aproveitando-se um anteor que terá sido construído pelos romanos. Esta obra de engenharia levava a água da colina do Convento da Santa Terça para o Castelo e para a Alta da cidade. Hoje apenas restam alguns arcos, ali mesmo ao pé do jardim. O arco de honra tem no topo duas esculturas, do mártir S. Sebastião e de S. Roque. Conta-se em Coimbra que o mártir assistia asetas em verdadeiro nuu. Um dia, um irreverente estudante escalou o arco, ardeu as setas e deu um «sincopado» logo deitado no chão. Uma das muitas «estórias» académicas que povoam esta «sua generosa» Coimbra.

O Mundo no «Botânico»

Entre-se então no Jardim Botânico, um dos mais belos e ricos em espécies exóticas do Mundo. Fundado pelo Marquês de Pombal, que, de forma brillante, viu na sua criação uma passo importante para a modernização da Universidade. Escolhido o local, numa área de 135 hectares, em 1773, pelo arquitecto Elden, o químico Vandelli e o naturalista Della Bella, os trabalhos decorreram lentamente. Apenas no século passado foi atingida a área actual. O jardim é delimitado por um imponente gradeamento de ferro negro. No átrio da entrada norte foi colocada uma estátua exocviva do grande botânico que foi Avelar

Brotero.

O «Botânico» não é tarefa fácil, tantos são os seus motivos de atracção. No espaço misturam-se árvores, arbustos e plantas de todos os continentes, devidamente identificadas com uma inscrição científica, mencionando o país de origem. Um verdadeiro roteiro pela Natureza do Planeta. Obrigatório é uma visita à Estufa, recentemente recuperada. Os três módulos deste mundo encerrado em vidro, levam-nos a fabulosos cenários tropicais e sub-tropicais. Um dos mais belos recantos de Coimbra, que ainda está por descobrir.

À saída do Jardim Botânico visite-se a Casa-Museu Bisaya Barreto, que foi moradia do malogrado professor universitário, médico e filantropo. A sua iniciativa Coimbra deve obras como o Portugal dos Quinhentos e muitas outras instituições sociais, com especial carinho para as crianças.

A sua casa - agora transformada em Museu, pela Fundação que ostenta o seu nome -, é uma obra de tipo neobarroca, do arquitecto Fiel Viterbo, que foi inaugurada em 1925. Ao belo pequeno jardim pleno de grutas, junta-se um recheio profusamente decorado, em que se deslumbrava uma vasta colecção de obras de arte.

A Saudade no Penedo

Poucas centenas de metros andados e chegamos ao terminus do nosso passeio, o mítico e romântico Penedo da Saudade, um dos mais famosos jardins portugueses. Verdadeiro «s-livro» de Coimbra, intimamente ligado ao sentimento de romantismo que a Lusitânia sempre inspirou, este jardim em forma de varanda virada para a parte nova da cidade, o Calhau, mostra nas suas «paredes» muitas lápides com poemas dos maiores vultos da nossa literatura. Um local onde apetece parar, olhar, meditar. Um sítio quase obrigatório para tantos que passaram por Coimbra, partiram e... um dia voltam à procura da Saudade.

Jardim da Manga

Restaurante Self-Service



*A aliança perfeita
entre a Cozinha Tradicional Portuguesa
e uma das mais belas realizações da
Renasença:
o Jardim da Manga.*

Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes
Tel.: 239829156 - Coimbra

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Património com mais de 700 anos

Falar de Coimbra, sem focar a Universidade, seria quase como vir a Roma e não ver o Papa. Seria esquecer mais de sete séculos de vivência comum entre a Escola e a Torre. Seria esquecer que a nobre instituição académica alberga alguns dos mais relevantes monumentos da cidade. Verdadeiro património arquitectónico, onde habitam a cultura e o saber há mais de 700 anos.

A grande instituição académica portuguesa há séculos que partilha com a cidade uma relação íntima, forte. Durante séculos Coimbra sempre foi conhecida como cidade-universitária. Toda a vida económica da cidade girava à volta da Universidade. A população encontrava nos «seus» estudantes grande parte do seu «ganha pão». Hoje, as oito faculdades da secular instituição - Letras, Ciências e Tecnologia, Direito, Farmácia, Psicologia, Medicina e Ciências do Desporto - albergam mais de 20 mil alunos, curiosamente, na sua maioria do sexo feminino.

Mais a Coimbra estudantil comporta ainda mais institutos superiores públicos e privados e escolas técnicas, engrossando

substancialmente o número de jovens que, durante a maior parte do ano, habitam a cidade. Uma população extra que, obviamente, mexe (e de que manancia) com a vivência social e económica da urbe.

Novos desafios

Hoje, a Universidade está sobe obrigada a debrar a «velha» fronteira da Alta para procurar novos e modernos espaços. Nasceu assim o Pólo 2, na margem direita do Rio Mondego. Esta nova cidade universitária vai mudar por completo os hábitos dos estudantes e a fisionomia da cidade, junto do Rio Mondego, na margem direita. Dentro de uma década, a realidade universitária de Coimbra será bem diferente. Desafios para um futuro que já «nasceu».

Contudo, importa-nos aqui lembrar de forma simples, e pouco exaustiva, alguns dos mais belos edifícios que fazem parte do património da instituição, fundada em 1290 por El-Rei D. Dinis.

A «velha» Universidade está situada na mais elevada colina da cidade, um local que já nos tempos pré-históricos era habitado. Está instalada no actual poço medieval, que durante os reinados de D. Manuel I e de D. João III foi bastante remodelado. Estas melhorias foram iniciadas em 1517 e dirigidas por Marcos Pires até ao ano da sua morte - 1522. A parti daí o famoso arqui-

teco-Diogo de Castilho tomou em mãos a orientação das obras. O Rei D. João III ofereceu o paço para se localizarem algumas disciplinas, acabando para se transformarem para esse local todas as aulas. Todavia, os edifícios só se tornaram propriedade da instituição no ano 1597, quando a Universidade os comprou. Reinava então em Portugal Filipe III de Espanha, II de Portugal.

Porta Férrea

A entrada para o nobre Pátio das Escolas faz-se através da famosa Porta Férrea, datada de 1634, da autoria do arquitecto coimbricense António Tavares. Esta bela porta foi construída por iniciativa do rei D. Alvaro Costa. Dois portais de vãos rectangulares, englobando figuras alegóricas das antigas fidelidades e as estruturas de D. Dinis, fundador da Universidade e de D. João III, que a instalou definitivamente em Coimbra, formam a estrutura da Porta Férrea. De estilo maneirista, popular e anti-clássica é típica da arte coimbrã, a partir de 1570.

Via Latina

Passada esta mítica porta, encontramos a Via Latina, que se estende ao longo de toda a fachada interior, entre o Paço da Reitoria e a Torre, dando acesso aos Gerais (Faculdade de Direito), à Sala Grande dos Actos e à Sala do Senado, entre outras. A grande remodelação dos edifícios ocorreu durante a Reforma Pombalina, entre 1772 e 1778 e reflecte bem essa época

A Reitoria

A Reitoria situa-se no andar superior da Via Latina, entre a Sala dos Capelos e a Porta Férrea. O seu aspecto actual deve-se à reforma encetada em 1773 por D. Francisco de Lemos. Entre as suas várias dependências, devemos destacar a Sala dos Arquivos, com belos azulejos policromos e um tecto pintado, assim como as salas de reuniões e de aulas. A Sala do Senado, também luso-romanticamente decorada; a Sala das Congregações e o Gabinete do Reitor, todos com azulejos do séc. XVII, que vieram da Fábrica da Talha Viedana, então existente em Coimbra. Por baixo da Reitoria podemos encontrar a imponente Sala dos Conselhos da Faculdade de Direito, que data de 1521.

Sala dos Capelos

Sem dúvida, uma das mais belas dependências da Universidade (e um dos locais mais visitados pelos turistas), é a Sala dos Grandes Actos, ou Sala dos Capelos. Ali se realizam as mais importantes cerimónias académicas, como doutoramentos ou doutoramentos «honoris causa». É a grande sala de vistas da instituição. A pintura do tecto é magnífica e é obra de Jacinto Pereira da Costa. Nas paredes da Sala estão as pinturas de todos os reis de Portugal. Até D. João IV são da autoria do pintor Carlos Fakh. A partir daí, de diversos autores.

Notável é também a Sala do Exame Privado, remodelada em 1701 por mes-

tre José Cardoso. A sua principal decoração é um lambril de azulejos executado por um artista local, Agostinho de Paiva. Nas paredes estão ainda retratos pintados de antigos reitores.

Os Gerais e a Torre

Do lado da Torre tem-se acesso aos Gerais, um claustro em torno do qual se encontram as antigas salas de aulas. A sua forma deve-se às obras operadas entre 1698 e 1702. No centro do claustro encontra-se o busto de bronze do Doutor Sá Pinto, esculpido em 1937 por Têxese Lopes.

Obviamente, não podemos deixar de falar da Torre, verdadeiro emblema da Universidade e da própria cidade. Contudo, este máximo «ex-libris» é de autor desconhecido, embora se saiba que era arquitecto na Corte de D. João V, e que recebeu 48 mil reis pelo projecto desta magnífica obra.

Em 1728, o Rei deu ordem para que a empreitada fosse dada a Gaspar Ferreira e as obras iniciaram-se a 17 de Abril, tendo sido concluídas em Julho de 1733. Ao todo, a «velha» Torre custou 14 contos de réis. Estilisticamente está ligada ao barroco mafrense. No topo estão quatro sinos, verdadeiros «reguladores» da vida académica. O mais famoso é o «cabras», que chama os estudantes para aulas e exames.

Capela de S. Miguel

A esquerda da Torre encontramos a Capela de S. Miguel, que substituiu um pequeno oratório medieval privativo do poço. As obras de construção do actual templo iniciaram-se em 1517, mas nos sécs XVII e XVIII sofreu importantes alterações. Diogo de Castilho voltou a deixar o seu nome ligado ao património arquitectónico da Universidade, ao terminar a empreitada quincentista.

O órgão, datado de 1733, é imponente e foi recentemente recuperado, permitindo a sua utilização em concertos eruditos de música barroca. Alguns desses registos foram mesmo editados em disco, sob a chancela da Universidade de Coimbra.

Biblioteca Joanina

Se as maravilhas são muitas e de várias épocas, a Biblioteca Joanina é a mais afamada de todas. Todos os dias, os visitantes esperam pacientemente à sua porta por mais uma visita à mais famosa biblioteca portuguesa e rara no Mundo. Reinava em Portugal D. João V e a corte vivia momentos fastuosos. A beleza da decoração desta «João» - cuja construção se iniciou em 1717, pelo arquitecto Gaspar Ferreira, sendo, contudo, o projecto de autor desconhecido - reflecte a época dourada, perfumada de pratas e madeiras raras das Terras de Vera Cruz.

A extraordinária riqueza da carpintaria dourada e a beleza lusória das pinturas do tecto, as engenhosas escadas de madeira, disimuladas nas paredes, são únicas. O recheio da biblioteca é notável, nela se encontrando todas as maiores obras publicadas na Europa de há séculos, versando matérias como Teologia, Filosofia e Direito Civil e Canónico.


Logical

Logical

Logical